

Evolução e Criacionismo

Uma relação impossível

Desde que Charles Darwin publicou *A Origem das Espécies* e *a Descendência do Homem*, evolucionistas e criacionistas já se enfrentaram em muitas batalhas. A mais mediática foi em 1925, o Julgamento de Scopes, onde estava em causa o direito de ensinar a teoria da evolução. Desde então, o Darwinismo foi profunda e detalhadamente explicado, graças ao conhecimento que entretanto se acumulou em Genética de populações, Genética molecular, Ecologia, Filogenia, Paleontologia, Sociobiologia e Etologia. Também o criacionismo se foi modificando, multiplicando-se em diversos movimentos, alguns muito divergentes entre si. O de maior visibilidade e impacto mediático actual é chamado “Criacionismo Científico”. Os movimentos de Criacionismo Científico tomaram grande fôlego e têm empreendido na última década campanhas políticas nos Estados Unidos no sentido de modificar os programas escolares, ora para suprimir o ensino da evolução ora para incorporar as teorias criacionistas nas aulas de ciências. Este conflito inicialmente vivido nos EUA é agora iminente na Europa. A influência criacionista no ensino e na divulgação da ciência já não é apenas de movimentos de inspiração cristã vindos dos EUA, mas também de inspiração islâmica, ou seja, movimentam-se agora mais dinheiro e pessoas. Bento XVI também tem uma posição mais conservadora do que o seu predecessor João Paulo II relativamente à evolução e ao grau de ingerência que a religião deve ter no domínio do saber académico. Há consequências previsíveis para o futuro da ciência e da humanidade e implicações sociais e morais para cada um dos cenários que pode resultar da batalha que agora se trava. Esta série de palestras baseia-se no livro com o mesmo título da autoria dos palestrantes e que trata o passado histórico

deste conflito e o modo como a história se repete, discute as razões pelas quais a evolução tem sido tão mal-interpretada e tão combatida por certos sectores da sociedade e explica a evolução de modo resumido e simples, dando exemplos de evolução observada de facto e esclarecendo alguns mal-entendidos comuns.

SEXTA 12 OUT

Uma história evolutiva da Ética humana

Augusta Gaspar Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

As ciências sociais e humanas tratam o ser humano, a maior parte das vezes, *como se* este fosse uma “folha em branco” que só com a cunhagem certa se torna humano. A religião padece do mesmo e alguns defensores actuais do criacionismo científico têm em comum com contemporâneos de Darwin a convicção de que sem religião os humanos são amorais, ou ainda pior, imorais, e que “vale tudo” numa sociedade que não se pautar por regras que são ditadas por uma entidade maior.

Décadas de estudo antropológico no terreno com povos de outras culturas, há muito que levaram os antropólogos culturais a reconhecer a existência dos chamados *Universais humanos* – aspectos da conduta que se manifestam em qualquer cultura e que contradizem a noção do homem como “folha em branco”, revelando uma natureza humana de programação biológica que não pode deixar de manifestar-se. E estes universais incluem alguns valores éticos. Os paleoantropólogos também têm sugerido a partir de alguns vestígios fósseis, que condutas de grande altruísmo estariam já presentes no homem

de Neandertal, antepassado humano extinto há aproximadamente 30 000 anos.

Entretanto também o estudo de sociedades de animais de diversas espécies, com ênfase nos chimpanzés e outros símios biologicamente próximos do homem, tem revelado a existência de diversos elementos da conduta moral que ensinamos às crianças – cooperação, não fazer batota e punir batoteiros, dar apoio aos familiares e nalguns casos ajudar os mais fracos. Tudo aponta, por conseguinte, para que a natureza humana esteja programada pela sua própria evolução com um guião geral para algumas condutas, juízos e decisões a que chamamos de moral.

Augusta Gaspar (1967) é actualmente investigadora em Psicofisiologia e Etologia no Centro de Investigação Social do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa e Professora Auxiliar no curso de Biologia da Universidade Lusófona. É Doutorada em Antropologia Biológica, pela Universidade Nova de Lisboa (2002), Mestre em Etologia, pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada (1996) e Licenciada em Psicologia, também pelo ISPA (1992). Desde 1990 que investiga vários aspectos da evolução do comportamento, trabalhando junto de grupos de humanos, chimpanzés, bonobos e gorilas, em colaboração com escolas e com diversos parques, zoológicos e centros de recuperação de primatas nos EUA, Holanda, Reino Unido e Espanha.

DE SEG 8 A SEX 12 DE OUTUBRO 2007 PEQUENO AUDITÓRIO · 18H30